

Entre Pátios e Salões: Uma Hipótese sobre a Forma e o Uso da Casa Espartiáta

Gabriel Cabral Bernardo¹
Submetido em Agosto/2015
Aceito em Agosto/2015

RESUMO:

Graças a escavações em sítios como Olinto, Priene, Atenas e Delos já se escreveu muito sobre a casa e a vida doméstica no Mundo Grego antigo. Esse conjunto de sítios arqueológicos nos proveu tipos arquitetônicos relativamente regulares, que podem ser encontrados desde a costa oriental do Egeu até a Sicília. Entretanto, essas casas (como quaisquer outras) são produtos de regras e comportamentos específicos, de modo que ao observarmos sociedades regidas por outro conjunto de normas acabaríamos por testemunhar modelos diferentes em atividade. Creio que seja esse o caso de Esparta, onde o cotidiano era ditado por instituições mais semelhantes às de outra região: Creta – e, portanto, assim também seriam suas casas, que fogem completamente do estabelecido “padrão” grego clássico.

Palavras Chave: casas – Esparta – Creta – Lacônia.

ABSTRACT:

Thanks to excavations at sites like Olynthus, Priene, Athens and Delos much has already been written about the domestic house and life in the ancient Greek World. This set of archaeological sites provided us of relatively uniform architectural types that can be founded from the Aegean oriental coast to Sicily. However, these houses (as any other else) are products of specific rules and behaviors, so when we observe societies guided by another set of norms we end up testifying different models in activity. I believe that this would be the case of Sparta, where the routine was dictated by institutions more resembling to those of another region: Crete – and, therefore, so would be its houses, which do not correspond to the established classical Greek “standard”.

Key-Words: houses – Sparta – Crete – Laconia.

¹ Mestrando em História Social pela Universidade de São Paulo e bolsista Fapesp. E-mail: gacabe@hotmail.com.

Introdução

“Toda *pólis* é composta de casas (ἐξ οἰκῶν)” (ARISTÓTELES *Política* 1.1253b). Essa afirmação, já muito discutida por historiadores e arqueólogos, ainda possui uma grande capacidade de suscitar e testar teorias sobre a casa grega devido às dimensões por ela englobadas. Os próprios termos em grego antigo – “οἶκος” e seus relacionados – denotam significados mais complexos do que aqueles entendidos quando os traduzirmos simplesmente por “casa”. O *oikos* helênico inclui em sua definição não apenas as estruturas físicas da moradia, mas também todas as terras de seu proprietário e seus respectivos ocupantes, ligados ou não por laços de parentesco consanguíneo (e.g. HOMERO *Odisseia* 2.45-64; TUCÍDIDES 2.60.4). E esses mesmos indivíduos, assim como seu *oikos*, compunham um universo muito maior do que apenas o microcosmo doméstico. Portanto, mesmo que a maioria das fontes sobre o que se convencionou chamar de “Grécia Antiga” nos informe sobre eventos ocorridos publicamente, às vezes programados para tal, não podemos subestimar a importância do âmbito doméstico.

O que podemos fazer é concordar que suposições feitas sobre o *oikos* possuem a capacidade de afetar nossas interpretações sobre diversos aspectos da cultura helênica antiga, especialmente no que se refere às fontes (NEVETT, 1999, p. 4). Isso já foi de fato notado pela bibliografia. Desde as escavações realizadas em Delos a partir do século XIX, as casas ali descobertas – datadas do século II a.C. (PARIS, 1884) – deram talvez os impulsos iniciais para o aprofundamento dos estudos sobre casa em seu âmbito material. Entretanto, como costumava ser tradicional no campo dos Estudos Clássicos, também esses dados foram primeiramente submetidos às fontes literárias: o registro arqueológico começou a ser usado para comprovar – poderíamos até dizer “ilustrar” – descrições de casas fornecidas por uma coleção de breves passagens em obras clássicas de diferentes datações, tendo em vista o estabelecimento de um quadro geral do que seria a casa helênica antiga (ver FYFFE, 1936, p. 137, 141). A etapa seguinte, com mais exemplos sendo escavados em diferentes sítios do Mundo Grego, testemunhou a definição de tipologias arquitetônicas (*pastas*, *prostas* e peristilo). Em seguida, finalmente, estudos mais aprofundados sobre questões sociais específicas buscaram, no ambiente doméstico, respostas para problemas não resolvidos pela literatura antiga – por vezes nem mesmo mencionados (e. g. WALKER, 1983, p. 83-86). Mais importante ainda são os estudos subsequentes: indo além da classificação tipológica, a casa, além de ser inserida no contexto expandido da *pólis*, será também tida como termo de comparação – e por vezes de

refutação – da imagem criada pelas descrições literárias sobre os indivíduos e as relações por eles ali cultivadas (JAMESON, 1990; NEVETT, 1999, 2000; CAHILL, 2002).

Podemos ver, portanto, que a arqueologia teve sua importância reconhecida não somente nos estudos sobre a forma da casa na Grécia Antiga, mas também em como ela influenciava e era influenciada por aqueles que nela viviam. Essa é uma contribuição importantíssima se considerarmos as dificuldades das fontes literárias. Além do fato de que a grande maioria delas provém de uma única cidade (Atenas), elas também, na maioria dos casos, são constituídas de breves menções a estruturas domésticas – o suficiente para contextualizar o público pretendido de tais obras. Além disso, mesmo os autores e leitores, membros de uma camada social que podia despender recursos para consumir e/ou produzir tais tipos de obras, desde as *istoríai* até o discursos encomendados, tendem a imortalizar quadros que provavelmente não podiam ser aplicados a todos os habitantes da cidade – talvez até mesmo à sua maioria (THOMAS, 2009) – e que não levavam em conta perspectivas de outras “classes”, como a das mulheres, escravos e não-cidadãos livres.

Dessa forma, podemos indicar como um dos métodos de contribuição para esse processo – a análise das fontes a respeito das casas – a aplicação dos principais modelos a casos menos conhecidos. Além de possuir a capacidade de preencher de vácuos significativos nesses casos, o teste dessas tendências pode tanto causar uma reconfiguração de modelos estabelecidos quanto criar tipologias importantes, prováveis pontos de partida para comparações e, portanto, suposições ainda mais acuradas (cf. FINLEY, 1989, p. 57-73; 2005, p. 20-21). A intenção aqui é fazer exatamente isso com Esparta, uma *pólis* já muito estudada em seu âmbito público, especialmente por conta do caráter “exótico” de suas instituições, mas ainda pouco explorada em seu âmbito privado – não sendo esses necessariamente separados por completo (e. g. STRAUSS, 1993, p. 33-53). Isso também pode ser explicado por problemas nas fontes. A respeito das textuais, nenhum relato antigo sobre Esparta foi composto pelos próprios espartanos, de modo que os que sobreviveram devem receber uma interpretação cuidadosa, necessária por conta dos vieses neles implícitos (OLLIER, 1933). No que diz respeito ao registro arqueológico, nosso conhecimento sobre a configuração urbana da Esparta clássica fica reservado aos sítios que não foram sobrepostos ou pela primeira tentativa de reestruturação urbana – provavelmente ocorrida no período romano – ou pela cidade moderna na parte baixa do sítio antigo.

Portanto, a agenda aqui é a de comparar os modelos estabelecidos pelo estudo da casa – seja através das fontes literárias ou das arqueológicas, preferivelmente do diálogo

entre ambas – com as evidências que possuímos sobre o convívio doméstico em Esparta, especificamente no período em que suas instituições mais conhecidas estavam em pleno funcionamento (c. 560 – 370 a.C.). Por conta das dificuldades supracitadas, nosso conhecimento sobre o espaço doméstico em Esparta se limita a menções textuais sobre seu cotidiano, principalmente nos casos em que ele era afetado pelas instituições poliades. No que diz respeito ao registro arqueológico, as evidências sobre esse período são praticamente inexistentes no contexto urbano, mas com um quadro melhor preenchido na área de prospecção da *Laconia Survey*, na região logo a nordeste de Esparta (CAVANAGH ET AL., 1996, 2002) (fig. 1). Dessa forma, a contribuição à compreensão do espaço doméstico na principal cidade da Lacônia se dará na identificação das congruências – e possíveis incongruências – entre os modelos já elaborados pela bibliografia, tanto sobre as casas gregas quanto sobre Esparta, tentando dissipar qualquer miragem que ainda insista em se manter sobre os espartanos nesse aspecto. Buscaremos assim um modelo que corresponda ao conjunto de valores e regras sociais vivenciadas em Esparta, estes que teriam uma influência clara na organização do espaço doméstico (cf. BLANTON, 1994; NEVETT, 1999, p. 177-78).

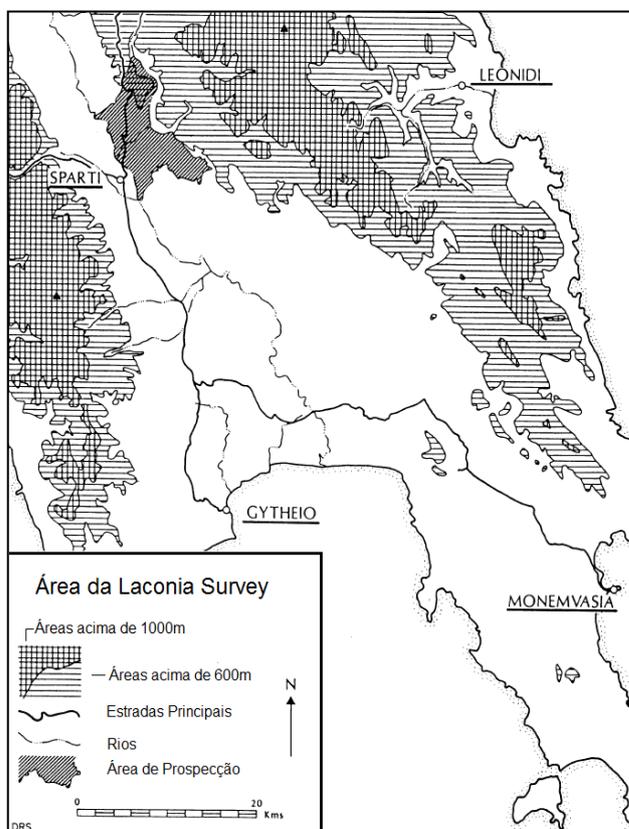


Figura 1 – Área de prospecção da Laconia Survey em relação à Lacônia (baseado em CAVANAGH ET AL., 2002, p. 3, fig. 1.2).

1. Entre *Ástye* e *Khóra*

Como já foi notado acima, o termo grego “*oikos*” podia representar muito mais do que apenas uma moradia. Entretanto, o *oikos* físico se limitava à casa? A partir de certas passagens é possível perceber que não: o *oikos* incluía dentro de sua alçada o lugar onde seu sustento era produzido, ou seja, no caso (ideal) da maioria do corpo cívico de uma *pólis*, as propriedades rurais. Platão, ao descrever a distribuição de terras de sua *pólis* ideal, afirma que “é necessário distribuir tanto a terra (τὴν γῆν) quanto as moradias (τὰς οἰκῆσεις) da forma mais igualitária” (*Leis* 737c). Ou seja, o local de habitação do indivíduo, expresso aqui pelo termo *oíkēsis*, é atribuído juntamente com a parcela do território *poliáde*. Isso pode ser visto mais claramente em uma passagem do *Econômico* (1.5) de Xenofonte:

[Sócrates:] “Afiml o que a propriedade (οἶκος) nos parece ser? Como uma casa (οἰκία) ou também aquilo que alguém possui fora da casa (οἰκίας); todas essas coisas são da propriedade (οἴκου)?”. “Ao menos para mim”, disse Kritóboulos, “mesmo que o proprietário não as tenha na mesma cidade, parece que tudo aquilo que alguém possui é da propriedade (οἴκου).”

A arqueologia parece confirmar essa impressão: uma inscrição encontrada em Olinto estabelece como seguro de um empréstimo toda a casa (οἰκία), exceto o *andrōn*, a propriedade no vilarejo (τὸ κτήμα τὸ ἐπὶ τὴν κώμην) e a sala dos *pitthoi* (CAHILL, 2002, p. 225). Ou seja, tudo aquilo que estava fora da casa, que compartilhasse seu proprietário, era também parte do *oikos* (cf. FERRUCI, 2011, p. 402). Portanto, ao falarmos sobre as casas também é necessário considerar a(s) propriedade(s) a elas conectadas(s).

Sabendo que a economia helênica era majoritariamente agrária e que a posse de terra era, em alguns lugares, um dos principais requisitos e privilégios da cidadania, podemos afirmar que ao menos uma boa parte dos cidadãos de uma *pólis* seria dono de uma propriedade rural – ou trabalharia em uma, mesmo como arrendatário. Normalmente, a casa de um desses proprietários poderia ou se situar no próprio campo, configurando uma paisagem de fazendolas dispersas no território – como o *demos* de Atene, no sudeste da Ática, com uma habitação estimada de 18 pessoas por km² (LOHMANN, 1993, p. 289) – que poderiam ser ocupadas permanentemente ou sazonalmente (e. g. CHERRY, DAVIS e MANTZOURANI, 1991, p. 337), ou ainda em algum centro urbano, desde pequenos vilarejos até cidades muradas – como em Halieis, no sul da Argólida, com uma estimativa de 250 pessoas por hectare (JAMESON, RUNNELS, VAN AANDEL, 1994, p. 549-551). Ambos os padrões de assentamento influenciavam de modo definitivo na configuração da casa de seus habitantes. Caso sua ocupação fosse temporária, a estrutura habitacional

identificável arqueologicamente tenderia a se mostrar com um desenho relativamente simples, com estruturas necessárias para o armazenamento de ferramentas agrícolas e para o que quer que permitisse uma habitação minimamente confortável. Caso contrário, a casa que abrigasse camponeses de modo permanente tenderia a possuir uma configuração arquitetônica mais complexa, semelhantes às aquelas encontradas em contextos urbanos – a ser analisada mais detalhadamente mais adiante. Há, obviamente, casos em que essa definição é difícil de ser realizada levando em conta o conjunto de evidências disponíveis. Em casas como a de Dema, na Ática (JONES, SACKETT e GRAHAM, 1962), é fácil notar que a estrutura servia de habitação constante. Entretanto, em casos onde pouco sobrou das paredes e em que as únicas informações disponíveis são as evidências recolhidas por prospecções, essa classificação fica nas mãos de análises tipológicas e estatísticas da cerâmica recolhida – geralmente usando as categorias da metodologia desenvolvida por Todd M. Whitelaw (1998; 2000); o que pode produzir resultados confusos se uma miríade de elementos pós-depositivos também não forem considerados.

Além disso, a relação entre a localização tanto da moradia quanto das terras e os centros de troca e distribuição da produção tinha efeitos claros na utilização do espaço doméstico – e, portanto, nas atividades ali conduzidas. Um bom exemplo é o caso de Olinto, onde os primeiros colonizadores, assentados ao longo da Colina Norte, teriam recebido as terras de melhor qualidade e mais próximas da cidade. Dessa forma, as casas ali construídas tinham uma preocupação menor com espaços para armazenamento, essa transferida para a utilização de cômodos para finalidades comerciais. Isso teria complementado a renda de seus proprietários a ponto de lhes ser possível adquirir outras casas. Se compararmos esse quadro com as casas dos colonos posteriores, detentores das terras de menor qualidade e mais distantes, vemos uma presença maior de espaços destinados ao estoque da produção e, conseqüentemente, de menos atividades comerciais (CAHILL, 2002, p. 216-287).

A aplicação desse modelo para o caso espartano esbarra em um fator importante: diferente do modelo geral grego, onde o proprietário era responsável pelo cultivo de suas próprias terras (seja a través do trabalho direto, arrendamentos, mão de obra escrava, etc.), nos *klēroi* (lotes de terra) espartanos a principal força de trabalho (senão a única) era provida pelos hilotas, servos da *pólis* ligados à terra (ver CARTLEDGE, 2002, p. 139-142). Ou seja, o espartano dono de um lote de terra não precisava morar perto dele. Aliás, a presença dos espartiátas (cidadãos com totais direitos políticos) em Esparta era praticamente obrigatória, tendo em vista os deveres cívicos a serem cumpridos, dentre eles

a presença nas *phidítia* – jantares comunais obrigatórios e aparentemente diários, aos quais nem mesmos aos reis era permitida a ausência que não justificada por um bom motivo (XENOFONTE *Constituição dos Lacedemônios* 5.2-7; PLUTARCO *Agesilao* 20.5; *Licurgo* 12). Portanto, as casas erigidas nos *klérois* teriam muito mais a dizer sobre os hilotas do que sobre os espartanos, mesmo que, de certa forma, fizessem parte do *oikos* dos últimos.

Dessa forma, poderíamos esperar que as casas rurais nos *kléros* da Lacônia e Messênia tivessem configurações condicionadas pelo contrato entre espartanos e hilotas: quanto menor a produção entregue como *apophorá*, mais recursos poderiam ser empregados em empreendimentos domésticos. Entretanto, havia outras maneiras de os espartanos interferirem na paisagem doméstica dos *klérois*. Em um primeiro momento, enquanto a Messênia era ocupada através de assentamentos nucleares (DAVIS ET AL., 1997, p. 454-7), a região da *Laconia Survey* – ao menos até a segunda metade do século V – testemunhou propriedades menores e mais dispersas (CATLING, 2002, p. 157), caracterizando, provavelmente, estruturas mais humildes. A mudança do padrão de assentamento na Lacônia para um esquema mais semelhante ao da Messênia (propriedades e assentamentos maiores), talvez como uma medida de segurança depois das revoltas de 465 (p. 175, 237) (fig. 2 e 3), teria mudado novamente as tendências domésticas de seus habitantes. Ou seja, fatores como a organização geográfica dos *klérois*, que levava em conta cálculos de produção e de risco de revoltas, tendia a influenciar a vida e, portanto, o formato das casas de seus habitantes.

Ainda nesse tema, a análise das cerâmicas recolhidas pela prospecção levanta questões interessantes. Se por um lado a ausência de evidências de cerâmicas finas (p. 157)² indica um potencial econômico não muito grande da maior parte dos sítios, por outro, considerando os níveis de prosperidade indicados pelo conjunto de tipologias cerâmicas de alguns deles, é possível que estes representassem moradias de donos relativamente ricos (p. 190-191).

Como explicar esses dados? A justificativa dada por Catling (2002, p. 192) engloba quase todas as “classes sociais” espartanas. No que diz respeito às villas (fazendas maiores ou habitações rurais de maior prestígio) teoricamente mais ricas (cinco de um total de vinte), é possível que elas representassem as moradias de periecos (arrendatários ou não) ou de espartanos que não tinham as condições de pagar pelas contribuições necessárias à manutenção da cidadania (PLUTARCO. *Lic.* 12.3; ATENEU 4.141c); ou seja, indivíduos

² Em uma das exceções, o sítio M194, a presença de fragmentos de cerâmicas finas de tipologia culinária indica que ali funcionava um santuário, e não uma moradia (CATLING, 2002, p. 192-193).

sem todos os direitos e deveres cívicos que, por conta disso, não precisavam morar em Esparta. Já as fazendolas com níveis de prosperidade acima do normal localizadas no território espartano (ao menos 16 de 78), provavelmente ocupadas apenas por hilotas, parecem indicar que esses tinham um nível de liberdade maior que o esperado, o bastante para desenvolverem algum crescimento material (cf. PLUTARCO *Moralia* 239e2-6).

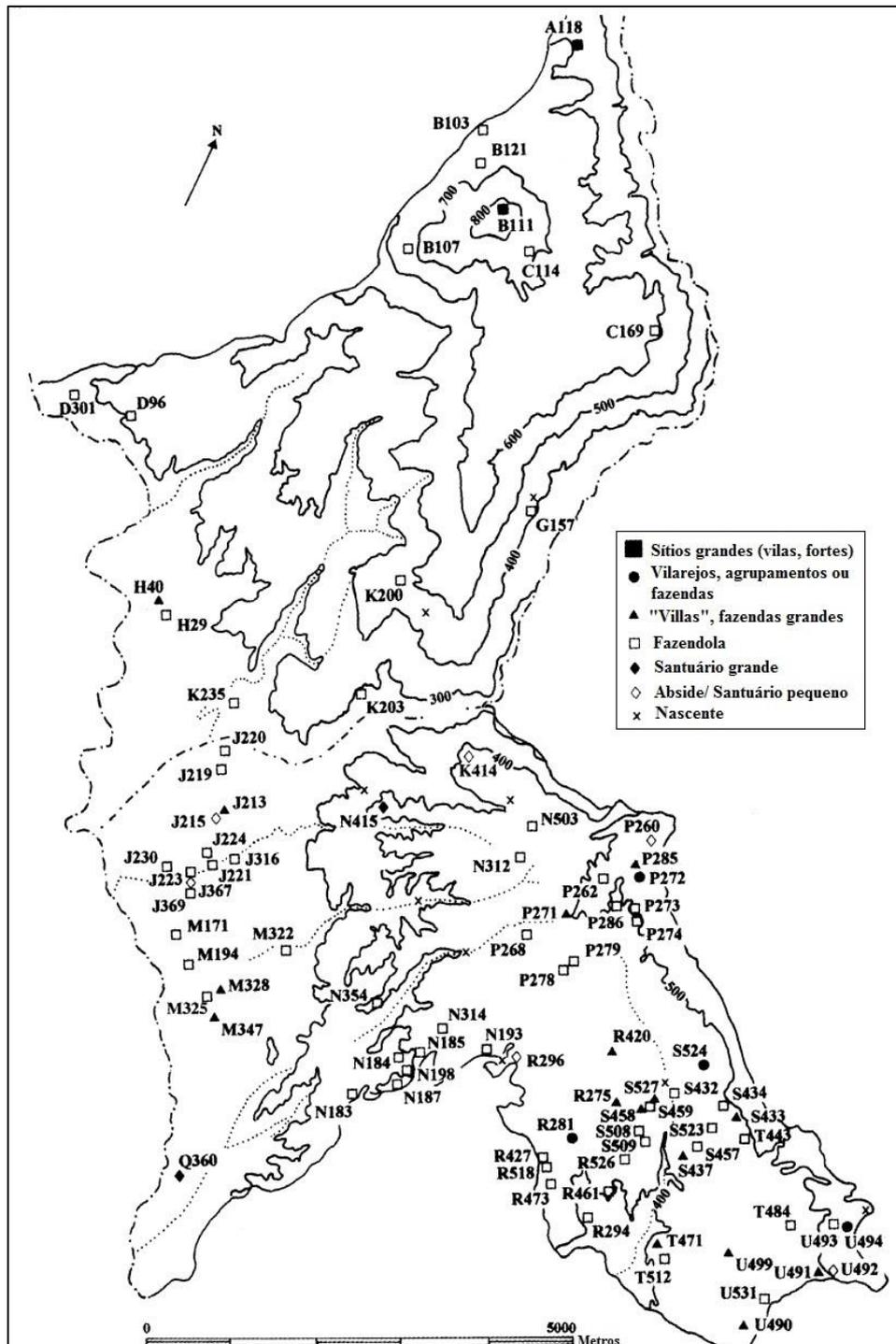


Figura 2 – Sítios dos períodos Arcaico e Clássico Inicial (c. 600 – c. 450 a.C.) encontrados na área de prospecção (baseado em CAVANAGH ET AL, 2002, p. 158, fig 5.2).

Portanto, no final do Período Arcaico e começo do Clássico (c. 600 – c. 450) podemos inferir que o tamanho menor das propriedades e seu caráter disperso pode ter produzido habitações menos complexas, devido tanto à menor quantidade de recursos ali produzidos – se comparada ao dos *keleroi* na Messênia (Figueira 1984: 100-104) – quanto à ausência de interação social, que desencoraja o cumprimento de regras de comportamento que poderiam influenciar no desenho das casas (Nevett 1999: 151-152). Exemplo disso seriam os sítios R275-7 – que compreendia 3 estruturas de 50 a 150 m², dentre elas um provável celeiro para os animais e outra para moradia (Cavanagh, Mee e James 2005: 125, 313-314³; Cavanagh e Mee 2007: 13-14) – e S427 – duas estruturas, também provavelmente uma para moradia e outra para o armazenamento (Cavanagh, Mee e James 2005: 148).

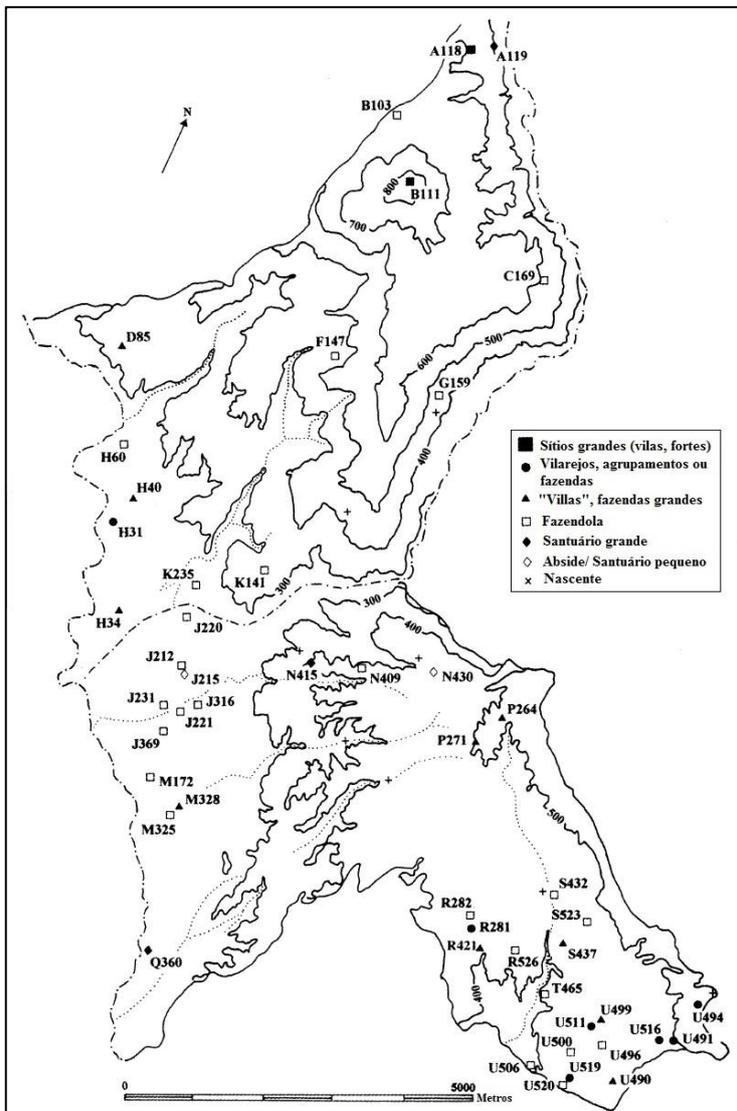


Figura 3 – Sítios do período Clássico (c. 450 – . 300 a.C.) encontrados na área de prospecção (baseado em CAVANAGH ET AL., 2002, p. 177, fig. 5.3).

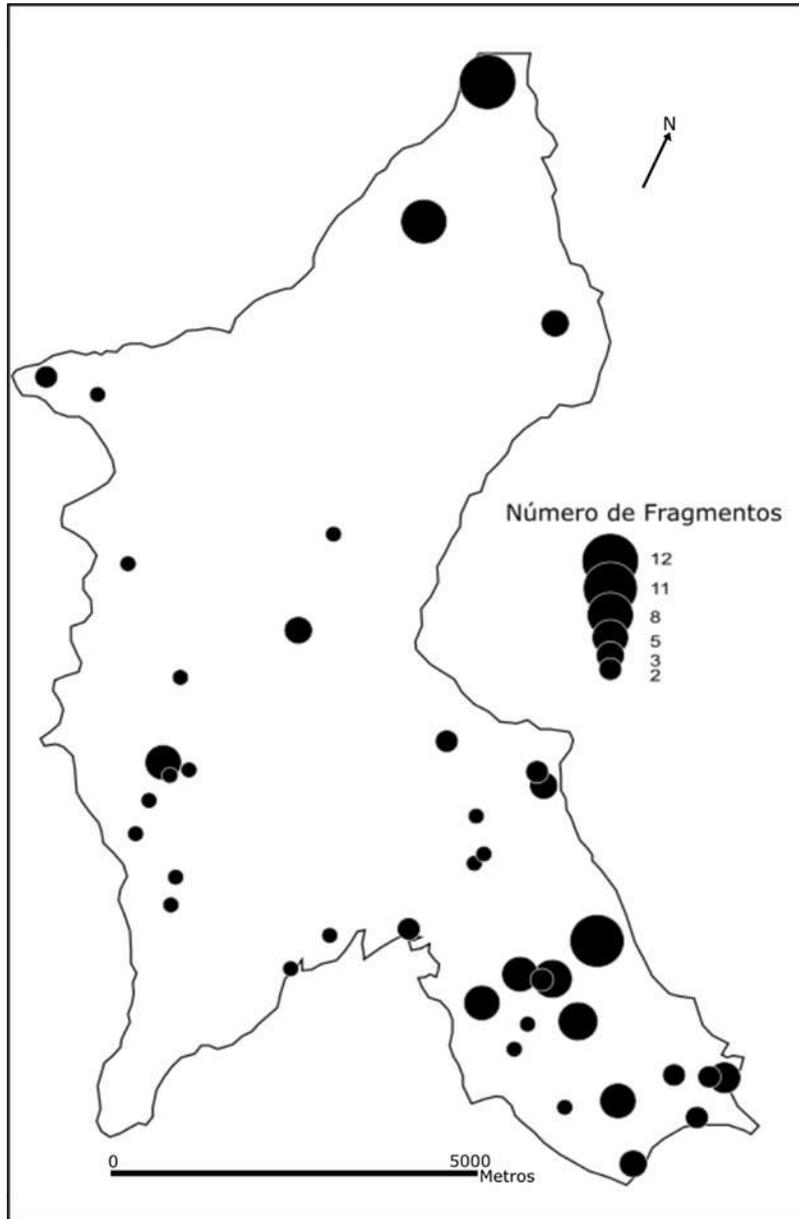
³ Por conta da presença de cerâmicas de melhor qualidade e de característica simposiasta os autores levantam a possibilidade de que essa villa servia de habitação temporária a espartiatas. Entretanto, os argumentos oferecidos contra essa teoria pelos próprios autores (314) e considerações práticas sobre um contrato não tão predatório entre hilotas e espartanos (cf. Plutarco *Moralia* 239e) me levam a desacreditar essa possibilidade.

Outro elemento que salta aos olhos, ao menos na área de prospecção da Laconia Survey, é o padrão de armazenamento encontrado, cujos dados podem refletir diretamente o cotidiano espartiáta. Ali as evidências indicam um padrão completamente inverso daquele visto em Olinto: essas regiões, mais próximas a centros habitacionais como Esparta e a perieca Sellasia, tinham poucas evidências de cerâmicas de armazenamento, com números que cresciam proporcionalmente à distância de tais centros (CATLING, 2002, p. 195-196, tabela 5.3) (fig. 4). É necessário notar que dentre essas propriedades (nenhuma delas a mais de três horas de distância de Esparta), aquelas com mais evidências de armazenamento eram também as maiores: os sítios S524, U499 e U511 – todos classificados ou como villas ou vilarejos por ocuparem uma área de 0.63 ha, 0.27 ha e 1.81 ha, respectivamente – apresentam os maiores números de fragmentos de cerâmicas de armazenamento (desconsiderando Sellasia e o forte de Ágios Konstantinos). Uma vez que todas se localizam em áreas relativamente planas, de solo calcário e com grande potencial agrícola (p. 66), não é impressionante que sua produção gerasse a necessidade de tais mecanismos de estoque. Entretanto, era necessário que sua produção fosse ali armazenada, considerando a curta distância de Esparta? Novamente o fator hilotas poderia ajudar a explicar esse quadro: desde Tirteu (PAUSÂNIAS 4.14.5), sabemos que os hilotas que viviam nos *kléroi* deviam parte de suas produções aos espartiátas, e que mantinham parte delas para sua subsistência. Logo, é possível que essas estruturas de armazenamento – provavelmente em maior número na antiguidade, levando em conta fatores pós-deposicionais e outros mecanismos invisíveis arqueologicamente – serviam a seus próprios moradores, e não apenas como um ponto de coleta, como se faria em outras *poleis* gregas mais nucleadas.

Entretanto, considerando todas as taxas que eram pagas em espécie aos espartiátas e as por eles pagas às *phidítia*, é necessário pensar onde tais recursos, que somavam quantidades relativamente altas (FIGUEIRA, 1984, p. 93-94), eram armazenados depois de recolhidos dos *kléroi*. Aqui é novamente necessário tentar preencher as lacunas com tendências gerais do mundo helênico, que nesse caso orbitam ao redor de duas possibilidades (GALLANT, 1991, p. 180). A primeira delas, por considerar que as *poleis* não eram “nem fortes nem burocratizadas o bastante para extrair quantidades consideráveis de comida de seus cidadãos” (*ibid.*), advoga que tais recursos eram mantidos nas próprias casas dos cidadãos e (portanto) recolhidos quando necessários. Essa teoria parece receber força

se notarmos a passagem em que Plutarco (*Licurgo* 9.4) afirma que depois de artes “inúteis” e a cunhagem de moedas terem sido banidas de

Figura 4
Concentração dos fragmentos de cerâmicas de armazenamento na área de prospecção da *Laconia Survey* (baseado em CATLING, 2002, p. 188-190, tabela 5.3).



Esparta, as riquezas (εὐπορίας) foram mantidas “enclausuradas e inativas” (ἐγκαταφοδομημένης καὶ ἀργούσης). Entretanto, há algumas dificuldades práticas a serem consideradas. Se aceitarmos apenas essa teoria, estaríamos atribuindo à casa espartiáta um papel extremamente importante no armazenamento da produção agrícola. Se ao menos parte da produção não fosse de fato trocada por riquezas mais portáteis, todos os recursos provenientes dos *kleroi* – incluindo aqueles necessários subsistência do *oikos* e ao pagamento das taxas das *phidítia* – seriam ali mantidos. Dessa forma, o espaço doméstico dedicado ao armazenamento da produção hilita – não somente aquela dos territórios

adjacentes à cidade, mas também a proveniente das terras mais férteis (e mais distantes) da Messênia – corresponderia a uma parte considerável da casa espartíata. Se pudermos acreditar nos valores registrados por Plutarco (*Lic.* 8.4), cada espartíata teria que armazenar em sua casa, apenas em cevada, os 82 *medimnoi* recebidos de seu *klēros*, ou seja, cerca de 3,3 toneladas.⁴ Somemos ainda a essas medias as 12 *keboes* de vinho, que equivaleriam a mais de 39 litros, e as pequenas quantidades em queijo (c. 11 kg) e em figos (c. 2 kg) (FIGUEIRA, 1984, p. 93-94).

Apesar de o espaço necessário para armazenar essa quantidade de recursos – que ainda devem ser acrescidos a outros produtos (óleo de oliva, mel, tecidos, etc.) – não era algo exageradamente grande, devemos inserir nesse contexto a responsabilidade pela administração desses recursos. Essa função, ao menos por boa parte do tempo de vida de um *oikos*, era provavelmente atribuída à mulher (cf. PLUT. *Mor.* 242c9-12), uma vez que a educação políade requeria que os homens espartanos morassem fora de sua própria casa dos doze até por volta dos trinta anos de idade (KENNEL, 1995, p. 32, 132) – podendo posteriormente se manter nessa rotina voluntariamente (XEN. *Const. dos Lac.* 1.8). Ou seja, no final das contas, as mulheres parecem ter sido as encarregadas de zelar pelos recursos que manteriam seu marido e, conseqüentemente, seus filhos, no rol de cidadãos espartanos. Analisemos a segunda opção, que pode servir para complementar a interpretação.

A segunda tendência geral helênica trata do aspecto público do problema. Não são escassas as evidências textuais e arqueológicas de silos compartilhados ao menos por uma parte da população de uma cidade. No *Econômica* de Aristóteles há menções a duas *poleis*, Klazomenai e Selybria (1348b-1349a), que em momentos de escassez estabeleceram medidas que envolviam a cessão à *pólis* por parte dos cidadãos de uma porção de sua produção agrícola – essa que deveria ser armazenada em algum lugar antes de ser destinada a seus propósitos. Na própria Atenas há evidências, já há muito notadas, para supor-se que a Grande Stoá, localizada no Pireu e descrita por Pausânias (1.1.3), consistia de uma estrutura do século V a.C. que funcionava como uma espécie de armazém público de grãos que também realizava seu comércio (FRAZER, 2012, p. 24-25). Além disso, na vizinha Eleusis há registros arqueológicos de duas estruturas provavelmente dedicadas ao mesmo intuito: uma datada da segunda metade do século VI a.C. e outra do terceiro quartel do século V a.C. (LOUKOPOULOU, 1973, p. 60).

⁴ Se considerarmos que o *medimnos* de Plutarco em valores lacônios, que equivaleriam a 1,5 *medimnoi* áticos (Figueira 1984: 89), pesasse c. 27,47 kg (cf. Moreno 2007: Apêndice 1), uma média relativamente baixa (comparar com Foxhall 1997: Tabela 10.2).

Entretanto, é necessário tomar cuidado ao projetar tais casos a Esparta. Se lembrarmos da dependência ática do comércio de grãos para o abastecimento interno e que as funções dos armazéns referidos por Aristóteles eram também em parte comerciais, encontramos um obstáculo sério. Não há nas fontes qualquer menção a crises de abastecimento na Lacônia ou na Messênia, nem à presença de uma comercialização regional de recursos agrícolas. Assim, voltemos à segunda suposição provida por Gallant (1991, p. 180): utilização de instalações militares para fins de armazenamento. Essa hipótese, no caso de Esparta, explicaria parte da concentração de fragmentos de cerâmica de armazenamento em Sellasia (A118), uma vez que a cidade perieca se localizava nas proximidades da fortificação de Ágios Konstantinos (B111). No que se refere à Esparta, a instituição militar mais óbvia a qual poderíamos atribuir essa função são as *phidítia*. Além de representarem as instituições para as quais os espartiátas deviam as contribuições que lhes conferiam a cidadania, lembremos novamente que por boa parte da vida os espartanos em idade militar viviam aquartelados, visitando a própria casa furtivamente após o casamento até que se tornassem pais (PLUT. *Lic.* 15.3-5). Também durante a juventude, quando eram provavelmente inseridos no contexto das *phidítia* (XEN. *Const. dos Lac.* 2.13), a quantidade de atividades a eles atribuídas aumentava consideravelmente (3.1-3). Dessa forma, seria exagerado supor que todas essas tarefas fossem físicas, mas não que parte delas estivesse ligada à administração de recursos, seja das estruturas onde ficavam aquartelados ou das *phidítia*.

Seria muito simplista admitir que todo o armazenamento ficava sob a tutela de espaços ou privados ou públicos. No primeiro caso, seria relativamente difícil manter algum controle sobre as quantidades realmente doadas pelos membros de cada *phidition*, algo improvável que acontecesse devido à importância que essa instituição possuía na manutenção da cidadania plena. Ao menos nesse aspecto, ambas as esferas parecem se complementar, assim como diversas outras dentro do mecanismo de funcionamento da pólis (cf. STRAUSS, 1993, p. 33-53). Plutarco (*Lic.* 17.3) parece se referir a essa sobreposição quando afirma que os jovens espartanos ainda em treinamento, ao serem enviados para roubar comida, o faziam invadindo pomares (*képous*) e *sysítia* (sinônimo de *phidítia*).

De qualquer forma, as suposições aqui delineadas da relação entre o *oikos* e o *kleros* se baseiam em dados materiais de apenas um dos polos da relação maior entre o *ásty* e a *kbóra*, podendo ser confirmadas ou reconfiguradas conforme nosso conhecimento (principalmente arqueológico) sobre a própria Esparta evoluir.

2. Pátios ou salões?

Casas foram escavadas em praticamente todos os setores da *pólis* grega, desde exemplares localizados em seu “interior” (*khóra*) quanto aqueles em contextos “urbanos” (*ásty*, centros poliades densamente povoados). É nesse último grupo que se encontram casas com mais detalhes a serem analisados, mas vestígios matérias importantes para a compreensão do cotidiano grego.⁵ Entretanto, é justamente nesse cenário onde menos temos informações sobre Esparta. Nosso conhecimento arqueológico sobre as casas ali situadas é praticamente nulo, contando apenas com fragmentos de estruturas que não comporiam nem mesmo uma planta, servindo apenas para demonstrar a ausência de um plano urbano organizado (RAFTOPOULOU, 1998, p. 127). Portanto, a agenda aqui será a mesma: o conhecimento produzido pelo estudo dos espaços domésticos no Mundo Grego antigo será comparado com as fontes textuais que se referem ao formato e às necessidades da casa “urbana” espartiáta. A intenção, entretanto, não é o de forçar esses modelos para que concordem com as descrições literárias, mas pensar até que ponto a literatura nos oferece um retrato confiável de como eram as casas em Esparta.

O primeiro problema aparece já na configuração espacial em que estas casas, assim como todas as outras construções, estariam dispostas. Uma famosa passagem de Tucídides (1.10.2) afirma que Esparta era ocupada através “de vilas (*κώμας*) ao antigo estilo da Hélade”. O estilo de vida nas *kōmai* era visto como um jeito arcaico, que antecedia as *poleis* ou que se esperava encontrar apenas em comunidades marginais e atrasadas (XEN. *Helênicas* 5.2.7; ARISTÓT. *Pol.* 1252b; TUC. 3.94.4). Na passagem de Tucídides citada acima, essa visão serve bem a um dos propósitos momentâneos: pintar Esparta como o oposto de Atenas, a *pólis* “centralizada” (*ζυνοικισθείσης*) e cheia de templos ricamente adornados. Embora seja inútil questionar o fato de que Esparta era composta por vilas, 5 no total (CARTLEDGE, 2002, p. 88-90), podemos ser céticos quanto ao nível do isolamento dessas vilas, que, na opinião do historiador, parece ser grande o bastante para nem mesmo parecer um *synoikismós*. Essa dúvida pode ser baseada no fato de que Tucídides parece distorcer a realidade também em outra afirmação na mesma passagem: Esparta era desprovida de “templos ricamente adornados”. Heródoto (1.69.4) fala de uma estátua de Apolo decorada em ouro no monte Thórmax, Pausânias (3.17.2-3, 10.5.11) fala de estruturas e esculturas de bronze que enfeitavam o templo de Athena Khalkioikos (“Da

⁵ Esse seria o caso, por exemplo, de Olinto e Priene, onde o volume de material encontrado permitiu inclusive a realização de estudos estatísticos. Obviamente, também há casas em boas condições escavadas no extramuros, como as casas de Vari e Dema, na *khóra* ateniense.

Casa de Bronze”) e do santuário de Apollo Hyakinthos em Amyklai (3.18.9-19.1), cujas decorações, mesmo que não fossem em mármore ou terracotta (DELIVORRIAS, 2009, p. 134), merecem atenção por sua complexidade. Ou seja, a Esparta descrita por Tucídides – mesmo que não tivesse despendido a mesma quantidade de recursos em edifícios públicos – parece ser um produto da comparação com a célebre Atenas de Péricles, que poderia não corresponder absolutamente à realidade.

O segundo problema diz respeito a aspectos arquitetônicos das casas. Um elemento que salta aos olhos é uma regra atribuída a Licurgo, de que a casa de um espartano deveria ter seu telhado construído apenas com machados e sua porta apenas com serras, de modo que esse estilo simples não se conformasse e, portanto, desencorajasse a aquisição de um mobiliário ostensivo (PLUT. *Lic.* 13.3-4; *Mor.* 189e8-11, 227b12-c6). De qualquer forma, dois pontos importantes devem ser notados. Primeiramente, há uma incongruência no corpus: enquanto que a maioria das passagens afirma que essa regra se aplicava apenas ao telhado e às portas, uma única (*Mor.* 189e8-11) parece se referir à casa como um todo. Por mais que seja fácil julgar essa passagem como um deslize, é necessário ter noção de sua improbabilidade, uma vez que ela já motivou interpretações exageradas que descrevem as casas espartanas como construções extremamente precárias (NIEHBUR, 1854, p. 61; CHRIMES, 1949, p. 352). Em segundo lugar, essa limitação não aparece em nenhuma obra conhecida anterior a Plutarco, de modo que podemos suspeitar que ela seja ou um dos frutos das reformas dos reis Ágis IV e Kleoménēs III⁶, ou que ela simplesmente não representava algo extremamente fora do comum para motivar citações. Isso nos leva a considerar uma possibilidade pelo qual Plutarco a cita em boa parte de suas obras sobre os espartanos: pelo conteúdo anedótico que ela proporcionava (*Lic.* 13.5; *Mor.* 210e1-5, 227c7-11). De qualquer forma, tudo indica que essa regra, se estivesse de fato vigente na Esparta do período aqui tratado, não alterava muito o aspecto costumeiro das casas, uma vez que, ao menos em Plutarco, podemos perceber que o foco das limitações em questão parecia ser o de promover diferenças estéticas, não funcionais. Afinal de contas, como já foi dito, era exatamente esse o objetivo: fazer com que mobiliários ostensivos não combinassem com o estilo da casa, simples (ἄφελῆ) e comum (δημοτικὴν), desencorajando assim a sua utilização (*Lic.* 13.4). E, obviamente, há sempre a questão se tais regras eram seguidas com afinco ou se apenas o suficiente para evitar conflitos.

⁶ Promovidas na segunda metade do século III a.C. para “ressuscitar” o estilo de vida espartano sob a rhetra (“lei”) de Licurgo (ver Cartledge e Spawforth 2002: 35-53).

Sabendo disso, vejamos o que a bibliografia pensa sobre as casas urbanas no período aqui considerado.

Dado o intervalo cronológico escolhido, é necessário dizer que ao menos parte dele representa quase uma lacuna na arqueologia das casas helênicas. Há muitos exemplos escavados e datados dos séculos VIII e VII, e um número ainda maior da segunda metade do século V em diante, mas muito poucos do período entre eles. Isso faz com que modelos de interpretação elaborados levando em consideração casos mais conhecidos, como Olinto e Priene, sejam por vezes aplicados a contextos muito anteriores a eles, por vezes a casas do século VIII (COUCOUZELI, 2007). Como veremos, é necessário muito cuidado ao fazer isso, pois elementos sociopolíticos importantíssimos devem ser levados em conta.

O *oikos* do grego do Período Clássico é normalmente classificado em três categorias, de acordo com seu desenho: *pastas*, *prostas* e *perystilo*. Eles diferem, basicamente, na posição dos quartos em relação a um pátio interno. Nas casas do tipo *pastas* (fig. 5), definidas a partir das casas de Olinto (ROBINSON e GRAHAM, 1938) uma área coberta alongada cerca o pátio ao longo de um ou dois de seus lados, proporcionando uma área adequada para a realização de atividades cotidianas, principalmente nos dias de calor. Essa mesma área permite o acesso tanto de luz quanto de pessoas aos quartos restantes, geralmente os mais privados da casa. As casas do tipo *prostas* (fig. 6), definidas com base nas casas escavadas em Priene (HOEPFNER e SCHWANDNER, 1994, p. 323) possuem um pórtico menor do qual se irradiam os quartos do conjunto principal da casa. O peristilo (fig. 7), único ou duplo, é um modelo mais tardio que transforma o pátio em uma espécie de átrio, cercado por um pórtico em três ou quatro de seus lados, o mesmo que dá acesso aos quartos. Resumindo, todos os estilos possuem mecanismos diferentes de redirecionar os transeuntes a partir de um pátio interno, cuja função principal é prover a parte mais interna da casa de ventilação e luz solar.

Dada a presença desses estilos em diversas localidades do Mundo Grego (e. g. BAGNASCO, 1996), seria natural projetar essas formas também em Esparta. Entretanto, como vem sendo dito desde o começo, a casa, assim como qualquer palco de relações sociais, sofre influências diretas das necessidades e obrigações de seus atores.

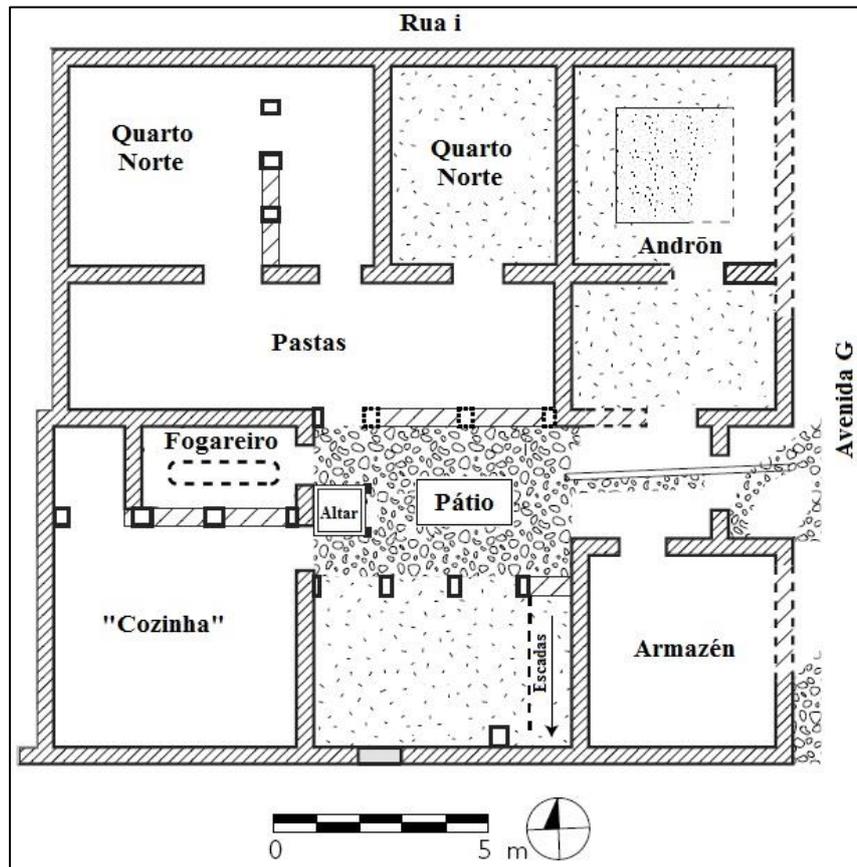


Figura 5 – Planta da Casa das Muitas Cores, Olinto (baseado em CAHILL, 2002, p. 87, fig. 17).

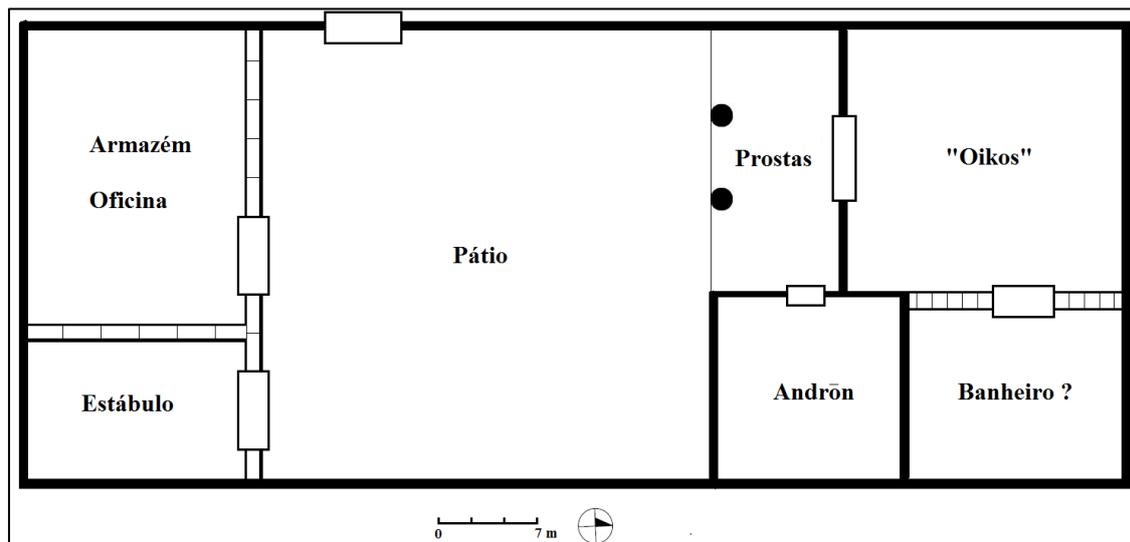


Figura 6 – *Typenhaus* em prostas, Priene (baseado em HOEPFNER e SCHWANDNER, 1994, p. 176, fig. 176).

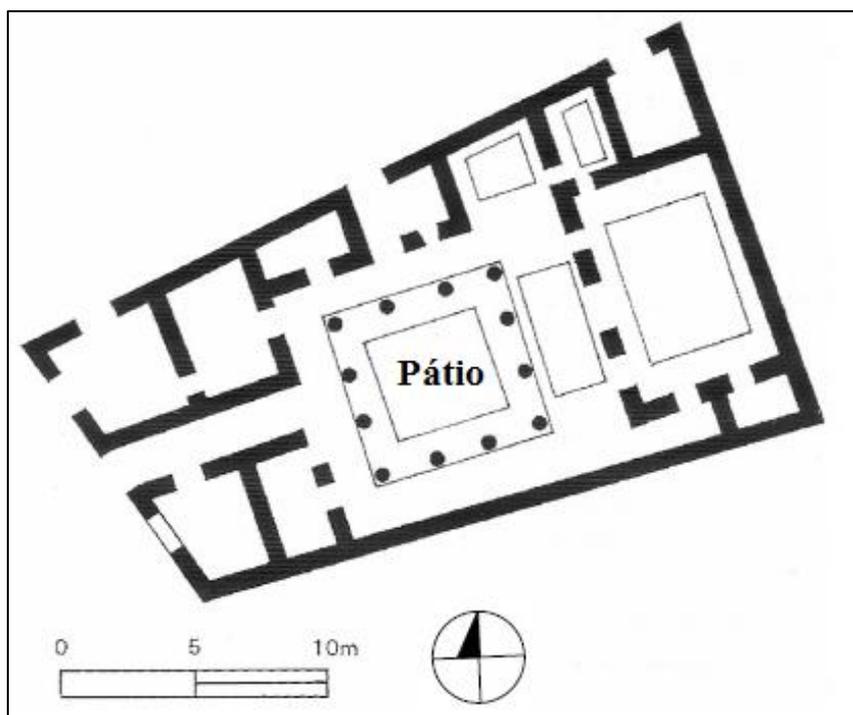


Figura 7 – Casa do Tridente, Delos (baseado em NEVETT, 1999, p. 165, fig. 58).

As estruturas descritas acima são um exemplo disso: seu formato evidencia um esforço claro de evitar que os membros femininos do *oikos* entrassem em contato com visitantes masculinos (JAMESON, 1991; NEVETT, 1995, 1999, 2010; LLEWELLYN-JONES, 2007). Esse controle de circulação era realizado através de diversos mecanismos arquitetônicos que podem ser vistos por toda a casa. Já atrás da porta de entrada, estabelecia-se um tipo de painel ou uma antessala para que a visão do interior fosse bloqueada; caso o visitante prosseguisse até o pátio, pouco veria do que acontecia nos quartos além dele – estes majoritariamente sem nenhuma conexão entre si, obrigando os transeuntes a passarem de um para o outro através dos pórticos e, portanto, à vista de todos. O *andrôn* (sala dos simpósios, de entretenimento dos convidados), se existisse, estaria preferivelmente localizado longe dos quartos privados e possuiria uma antessala que limitaria ainda mais a visão da casa a partir dali; mas se o espaço interno exigisse uma posição entre o conjunto principal de quartos, outros mecanismos, como a posição da porta voltada para outro quarto de menor importância, entrariam em ação para barrar sua visão do interior da casa. Passando longe da antiga teoria do *andrôn-gynaiikōn*, que definia

quartos exclusivos para ambos os sexos dentro da casa, esse modelo, ao contrário, admite a circulação livre da mulher no espaço doméstico e a limitação do movimento de visitantes.

Mas qual o objetivo principal de todo esse esforço? Levando em conta as exigências necessárias para a aquisição da cidadania, pensa-se que esse tipo de casa servia para manter a mulher, peça importantíssima na continuidade do *oikos*, longe de qualquer mácula à sua imagem. Isso permitiria que nenhuma dúvida recaísse sobre a paternidade de seus filhos, exatamente aqueles que herdariam não só o *oikos* de seus pais como um todo, mas também os privilégios da cidadania.

Obviamente, outros elementos influenciavam a utilização do espaço doméstico, como, por exemplo, o envolvimento de seu proprietário em alguma atividade comercial, que poderia motivar o estabelecimento de lojas e oficinas na própria casa. Fatores climáticos também tinham influência (ARISTÓT. *Econôm.* 1.6.7, XEN. *Mem.* 3.8.8-10), sendo a mais clara delas a orientação sul-norte dos cômodos: o pátio interno deveria ficar idealmente na área ao sul da casa, para poder receber e distribuir a luz do sol no verão, enquanto que os quartos deveriam ficar na parte norte, onde a irradiação solar deixaria os cômodos mais confortáveis no inverno. Entretanto, as pressões sociais ainda seriam as mais influentes na organização do espaço.

É necessário notar que o produto dessas influências, naturais ou humanas, são classificações e interpretações baseadas em estruturas domésticas escavadas que parecem assumir esse desenho – relativamente regular – a partir da segunda metade do século V. Portanto, a projeção desses modelos arquitetônicos (que carregam em suas raízes práticas uma série de regras comportamentais regionais) deve ser realizada com cuidado, principalmente em locais regidos por regras e costumes diferentes que influenciariam na organização física do *oikos* (cf. NEVETI, 1999, p. 20). Esse seria o caso de Esparta (cf. WESTGATE, 2007, p. 423-424).

A própria justificativa dada para a utilização das casas dos tipos *pastas* e *prostas* representa um problema em Esparta. Se o tempo das mulheres do Mundo Grego era gasto (idealmente) em sua maioria dentro do *oikos* (PLAT. *Leis* 781c, 805e) – evitando o falatório e rumores depreciativos sobre sua pessoa (EURÍPIDES *As Troianas* 647-649) –, o das mulheres de Esparta parecia possuir uma divisão mais equilibrada. Ao invés de se permitirem ser vistas em poucas ocasiões específicas, as espartanas praticavam exercícios físicos obrigatórios ao ar livre regularmente, estes realizados sem nenhuma vestimenta (XEN. *Const. dos Lac.* 1.3-4; PLUT. *Lic.* 14.2-15.1; POMEROY, 2002, p. 12-27). Isso já torna o esforço de escondê-la dentro de casa, das vistas de visitantes externos ao *oikos*, no

mínimo irracional. Além disso, por mais que todas as mulheres do Mundo Grego parecessem compartilhar o dever de administrar o *oikos* (ANDRADE, 2001, p. 153-157), as espartanas ainda eram isentas de deveres como a tecelagem, fardo exclusivo dos servos (XEN. *Const. dos Lac.* 1.4). Por esse e outros motivos não é tão estranho observar mulheres espartanas em episódios dentro e fora de seu *oikos*. Gorgó, por exemplo, filha de Cleoménes e esposa de Leonídas, foi retratada não só em uma conversa privada entre seu pai e Aristagóras de Mileto quando criança, (HER. 5.51) mas também na reunião na qual ela mesma descobriu o truque da carta do rei exilado Demáratos (HER. 7.239). Além disso, não devemos nos esquecer das vencedoras olímpicas, dentre elas a mais famosa, Kiníska (XEN. *Agesilao* 9.6; PLUT. *Ages.* 20.1; PAUSÂNIAS. 3.8.1-2, 5.12.5).

Portanto, os modelos arquitetônicos das *pastas* e *prostas* parecem inadequados ao contexto espartano. Entretanto, para elaborar uma suposição crível é necessário encontrar um modelo arquitetônico do qual temos conhecimento e que melhor se adequasse às necessidades espartanas. Creio que podemos encontrá-lo em Creta.

Enquanto que as casas no continente grego, principalmente a partir do Período Clássico, possuem um esquema radial, no qual os quartos irradiam de um espaço central (o pátio interno) que controla o acesso ao resto da estrutura, as casas na ilha possuem, desde ao menos o final do século VII a.C. até o III a.C., um plano quase linear, no qual os quartos na parte mais interna da casa são acessados apenas sucessivamente, com um grau de privacidade crescente a partir da entrada (WESTGATE, 2007, p. 427; VOGELIKOFF-BROGAN, 2011, p. 412) (fig. 8). Em outros casos, o desenho dos quartos é mantido, mas com um corredor provendo esse acesso mais privado (HAGGIS e MOOK, 2011, p. 370-374) (fig. 9). Além do formato, a organização dos quartos e sua utilização são bem diferentes. Em Creta o pátio interno não era o centro das atividades domésticas (algumas nem possuíam pátios, e se os possuíam, eram externos e semiprivados) (fig. 10), mas sim um salão principal, situado logo no começo da casa, bem próximo da entrada, cuja centralidade não só é atestada pela lareira normalmente construída em seu centro, mas também por evidências de práticas diversas ali realizadas (WESTGATE, 2007, p. 446; Haggis e Mook 2011: 377) (fig. 8). Dali se teria acesso aos quartos internos, onde as tarefas mais cotidianas eram realizadas. Em Azoria é possível identificar uma segregação maior de atividades em determinados ambientes, como a cozinha, separada do salão principal. Entretanto, se essa característica pareça ser específica de Azoria (HAGGIS e MOOK, 2011, p. 377-378; FOXHALL, 2007) (figs. 9 e 11), outra muito interessante não é: a

conexão direta do salão principal com uma espécie de armazém, denunciado pela presença abundante de *pithoi* (HAGGIS e MOOK, 2011, p. 377) (figs. 9, 10 e 11).

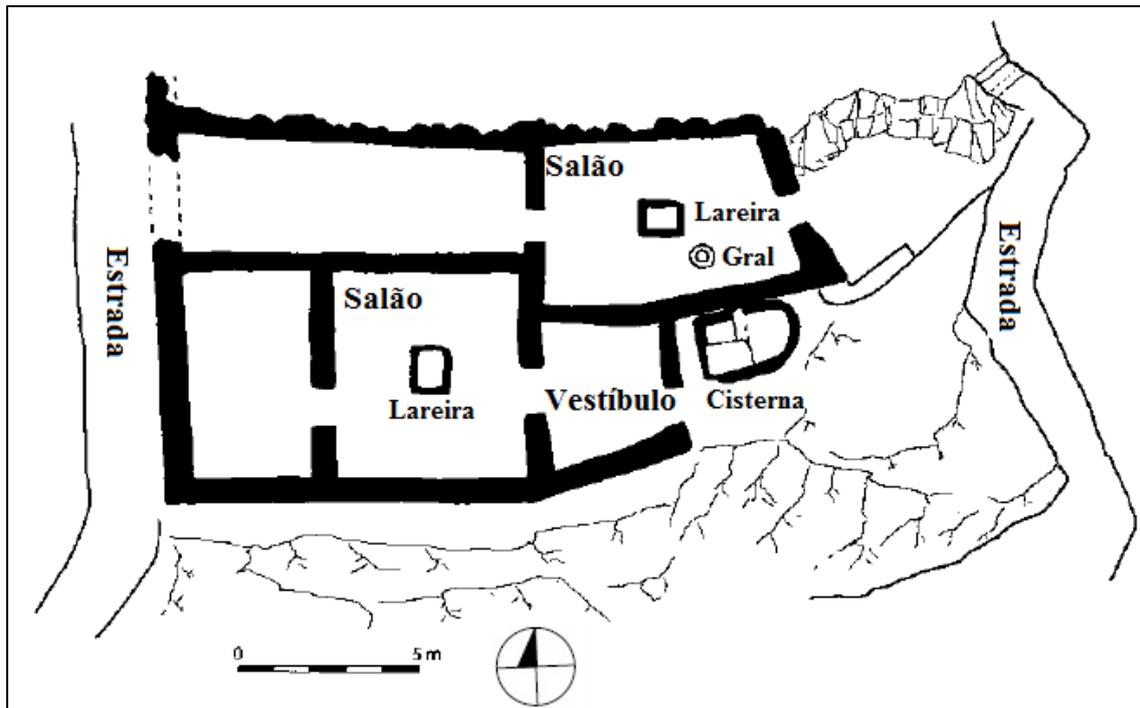


Figura 8 – Casas a norte do Pritaneu, Lato, c. Século IV a.C. (baseado em WESTGATE, 2007, p. 431, fig. 5).

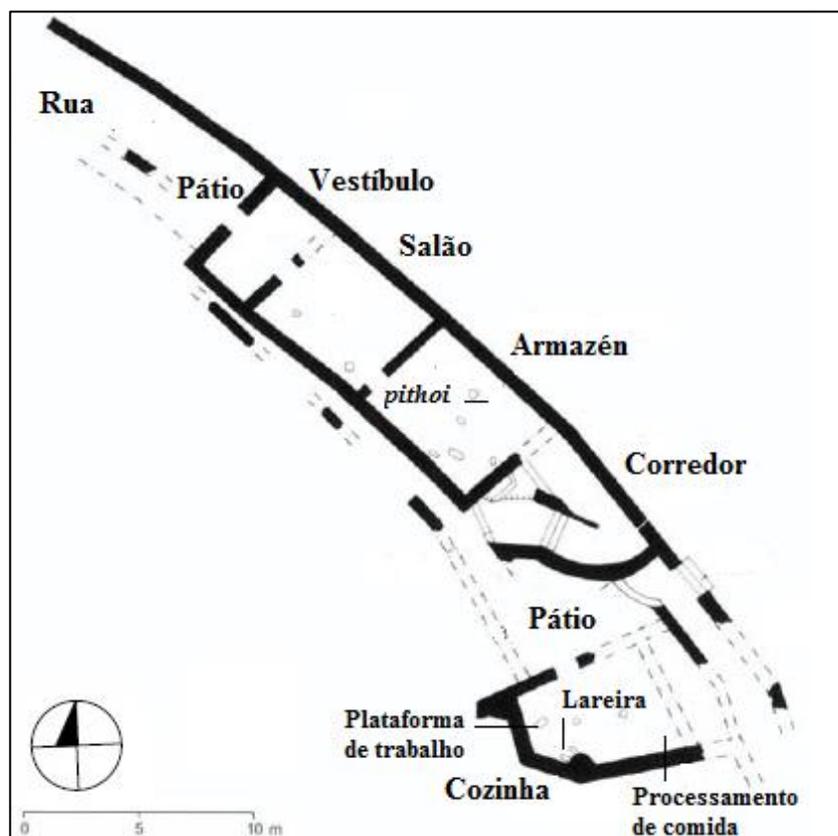


Figura 9 - Edifício Nordeste, Azoria, c. século V a.C. (baseado em HAGGIS e MOOK, 2011, p. 375, fig. 31.5).

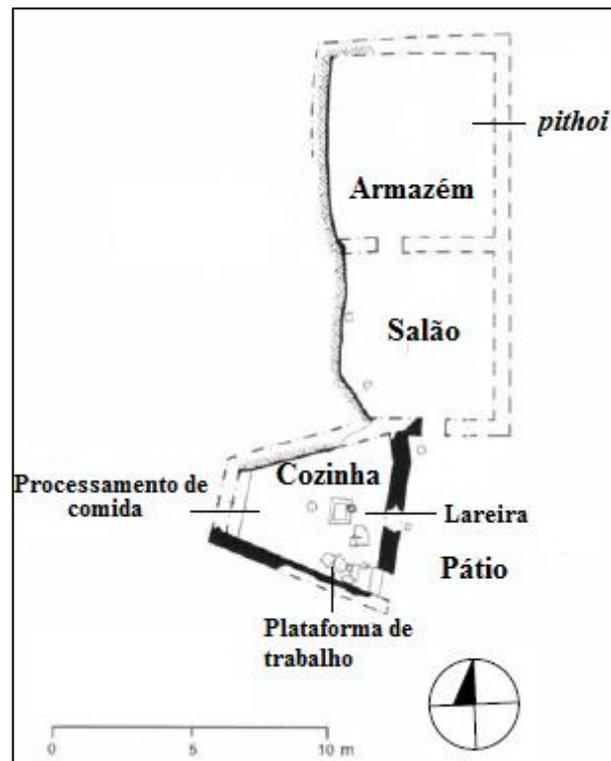


Figura 10 - Casa em Onythe Goulediana, c. século VII (baseado em Haggis e Mook 2011: 373, fig. 31.4).



Figura 11 - Casa da Acrópole Norte, Azoria, c. século V a.C. (baseado em HAGGIS e MOOK, 2011, p. 375, fig. 31.5).

Mas por quais motivos esse modelo se ajustaria melhor à sociedade espartana? Começemos pelo mais evidente. As casas cretenses apresentam um plano que desfavorece a manutenção de uma privacidade estrita, uma vez que são identificados poucos mecanismos para bloquear a visão externa do interior da casa (WESTGATE, 2007, p. 447, 451). Isso se torna algo ainda mais importante quando consideramos a presença da mulher: além de não haver evidências de divisões de gênero dentro das casas (VOGEIKOFF-BROGAN, 2011, p. 419), a presença arqueológica de ferramentas de atividades domésticas – como moedores de pedra – tanto nos salões principais quanto fora da casa, nos pátios externos na entrada dela, indica uma liberdade feminina muito maior do que a permitida nas casas de pátio interno. Obviamente, nada impedia que as mulheres se “escondessem” nos quartos mais afastados da entrada quando necessário, além de que poderiam haver formas não identificáveis arqueologicamente para causar essa separação entre visitantes e os membros femininos da casa; entretanto, se existia essa preocupação, ela não era forte o bastante para mover recursos a fim de criar barreiras físicas (as mais eficientes). Somemos a já discutida liberdade da mulher espartana as evidências literárias e epigráficas sobre as mulheres cretenses, que também indicam um controle bem menor por parte dos homens (PLAT. *Leis* 780-781a) e uma autonomia bem semelhante à das espartanas (Código de Gortina: col. 4.9-24, 31-48; col. 8.20-30; HODKINSON, 2004). Um ponto final nesse tema pode ser colocado com uma passagem do *Antiquidades Romanas* (20.13.2) de Dionísio de Halicarnasso, onde o autor afirma que os lacedemônios, “quanto aos acontecimentos domésticos, não tomavam precaução nem faziam vigia, considerando ser a porta do pátio (τὴν αὔλειον θύραν) a fronteira da liberdade da vida de cada um.” Ou seja, o respeito pela privacidade não precisava de tantas barreiras físicas para existir ali.

Além de ser um ambiente adequado ao cotidiano espartano, o formato característico das casas cretenses também suprem outra necessidade dos lacedemônios. Os armazéns supracitados estão localizados em um ponto estratégico (diretamente conectados aos salões principais) por dois motivos. O primeiro deles seria a facilidade com que seus conteúdos podiam ser controlados, uma vez que os salões eram os principais pontos de circulação doméstica; ou seja, a presença constante de pessoas ali faria com que desvios fossem mais difíceis (HAGGIS e MOOK, 2011, p. 378). Esse é ponto onde nos lembramos da importância que o armazenamento doméstico (e seu controle) deveria(m) ter recebido em Esparta, dados os mecanismos de deveres a serem pagos pelos *kleroi* e para as *phiditia* – bases da manutenção da cidadania plena. O segundo motivo seria a utilização exibicionista. Em Creta, é provável que o fácil acesso visual dos visitantes aos *pitthoi*, postados nos

armazéns e em corredores próximos às portas (alguns deles com decorações), tivesse alguma função de ostentação (HAGGIS e MOOK, 2011, p. 379). Isso seria compreensível também no caso espartano, onde os participantes de uma economia predominantemente agrária e não monetizada encontrariam outros meios de exibir sua abundância; e que melhor forma senão a ostentação da produção agrícola, aquilo que exclusivamente definia seu status em relação a seus pares?

Um último elemento diz respeito à natureza desse tipo de casas. Aparentemente, as casas de Creta teriam essa configuração menos fechada, menos subordinada ao poder do homem. Isso seria um produto da existência de instituições comunais políades (as *sysitia*) que proviam uma parte considerável das necessidades de seus cidadãos (homens e mulheres). Consequentemente, o cidadão masculino seria menos valorizado do que em outras *poleis* gregas (WESTGATE, 2007, p. 451-452). Essa interpretação vai de acordo, por exemplo, com a teoria de David M. Schaps (1979, p. 7, 97), que enxerga no Código de Gortina regras referentes à propriedade que tratam as pessoas individualmente, não como membros de um *oikos*. Não é difícil encontrar em Esparta arranjos semelhantes, mesmo que não tão drásticos como em Creta. Qualquer que fosse o método de atribuição dos *kléroi* (HODKINSON, 1986, p. 378-394), todos os espartanos, inclusive as mulheres (HODKINSON, 1986, p. 394-404; 2004), tinham sua autonomia assegurada pelos deveres a eles pagos pelos hilotas.

3. Conclusão

Analisando elementos literários e arqueológicos, podemos chegar a uma conclusão importante: o modelo de casas tido como o “padrão” clássico grego, configurado por um pátio interno que servia de ponto de controle da circulação doméstica, não parece adequado a Esparta. Ainda mantendo a teoria de que as regras de comportamento em atividade exercem pressões que se refletem na organização do espaço doméstico (cf. RAPOPORT, 1969), seria irreal admitir que o estilo de *pastas* e *prostas* fosse ao menos predominante em Esparta; uma vez que ele não condizia com as necessidades ali existentes. Por outro lado, as casas cretenses, que parecem possuir uma estrutura semelhante por todo período aqui tratado, oferecem soluções mais adequadas para certas primordialidades, muitas delas compartilhadas entre Esparta e Creta.

Essa comparação, todavia, pode não se esgotar aqui. Os problemas levantados a respeito do funcionamento da casa cretense poderiam, de alguma forma, afetar o modo como encaramos os espartanos. Por exemplo: se pensava que a existência das *ándria* (uma

forma de *sysítia*, diferente em alguns aspectos das *phidítia* espartana) em Creta (PLAT. *Leis* 842b; ARISTÓT. *Pol.* 1272a, 1272a; ATENEU 4.173) excluía a possibilidade da realização de banquetes e recepções privadas. Entretanto, as evidências de cerâmicas de mesa, muitas de caráter simposiasta, encontradas nos salões principais cretenses indicam o contrário (ERICKSON, 2011) (fig. 10). Sabemos de episódios em que espartanos entretinham convidados e mantinham cobiça por vasos finos de mesmo caráter (HERÓDOTO 3.148, 5.51-2), além de já ter sido escavado um conjunto completo de cerâmicas para um grupo de sete simposiastas (RAFTOPOULOU, 1998, p. 134). De que modo poderíamos aplicar esses e outros dados provenientes de Creta às evidências espartanas?

De qualquer forma, até que escavações sejam conduzidas nos níveis clássicos da antiga Esparta, acredito que o mais próximo que podemos chegar das casas espartanas sejam aquelas situadas na ilha de Creta.

Fontes

ARISTOTLE. *Politics*. Tradução de H. Rackam. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1932.

_____. *Metaphysics (Volume 2: Books 10-14). Oeconomica. Magna Moralia*. Tradução de Hugh Tredennick e G. Cyril Armstrong. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1935.

ATHENAEUS. *The Learned Banqueters*. Volume 2: Books 3.106e-5. Tradução de S. Douglas Olson. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2007.

DIONYSIUS OF HALICARNASSUS. *The Roman Antiquities*. Volume 7. Tradução de Earnest Cary. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1950.

EURIPIDES. *Trojan Women. Iphigenia among the Taurians. Ion*. Tradução de David Kovacs. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.

HOMER. *Odyssey*. Tradução de A. T. Murray. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1919. 2 v.

PAUSANIAS. *Description of Greece*. Tradução de W. H. S. Jones e H. A. Ormerod. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1918-35. 4 v.

PLATO. *Laws*. Tradução de R. G. Bury. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1926. 2 v.

PLUTARCH. *Lives*. Tradução de Bernardotte Perrin. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914-1917. v. 1, 5.

_____. *Moralia*. Volume 3: 172a – 263c. Tradução de Frank Cole Babbitt. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1961.

- THUCYDIDES. *History of the Peloponnesian War*. Tradução de C. F. Smith. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1919-1921. 3 v.
- WILLETTS, R. F. *The Law Code of Gortyn*. Berlin: Walter de Gruyter, 1967.
- XENOPHON. *Hellenica*. Tradução de Carleton L. Brownson. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1918-21. 2 v.
- _____. *Memorabilia. Oeconomicus. Symposium. Apology*. Tradução de E. C. Marchant e O. J. Todd. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1923.
- _____. *Scripta Minora*. Tradução de E. C. Marchant e G. W. Bowersock. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1925.

Bibliografia

- ANDRADE, Marta. M. de. *A “Cidade das Mulheres”*: Cidadania e Alteridade Feminina na Atenas Clássica. Rio de Janeiro: Laboratório de História Antiga da UFRJ, 2001.
- BAGNASCO, Marcella. B. *La Casa in Magna Grecia*. In: D’ANDRIA, Francesco.; MANNINO, Katia. (Eds.) *Ricerche sulla Casa in Magna Grecia e in Sicilia*. Lecce: Congedo, 1996. p. 41-66.
- BLANTON, Richard. E. *Houses and Households: A Comparative Study*. Nova York: Plenum Press, 1994.
- CAHILL, Nicholas. *Household and City Organization at Olynthus*. New Haven e Londres: Yale University Press, 2002.
- CARTLEDGE, Paul. *City and chora in Sparta: Archaic to Hellenistic*. In: CAVANAGH, William G.; WALKER, Susan. E. C. (Eds.) *Sparta in Laconia*. Londres: The British School at Athens, 1998. p. 39-47.
- _____. *Sparta and Lakonia: A Regional History*. 2ª Ed. Londres e Nova York: Routledge, 2002.
- CARTLEDGE, Paul; SPAWFORTH, Antony. *Hellenistic and Roman Sparta: A Tale of Two Cities*. 2ª Edição. Londres: Routledge, 2002.
- CATLING, Richard. W. V. *The Survey Area from the Early Iron Age to the Classical Period (c. 1050 - c. 300 BC)*. In: CAVANAGH, William. G. et al. (Eds.) *The Lakonia Survey*. Volume 1: Methodology and Interpretation. Londres: British School of Athens, 2002. p. 151-256.
- CAVANAGH, William G. et al. (Eds.) *The Lakonia Survey*. Volume 1: Methodology and Interpretation. Londres: British School of Athens, 2002.

- CAVANAGH, William G.; MEE, Christopher. Functional Analysis of Survey Sites. In: WESTGATE, Ruth; FISHER, Nicolas; WHITLEY, James (Eds.) *Building Communities: House, Settlement and Society in the Aegean and Beyond*. Londres: The British School at Athens, 2007. p. 11-18.
- CAVANAGH, William G.; MEE, Christopher; JAMES, Peter. *The Laconia Rural Sites Project*. Londres: The British School at Athens, 2005.
- CAVANAGH, William G.; WALKER, Susan E. C. (Eds.) *Sparta in Laconia*. Londres: The British School at Athens, 1998.
- CHERRY, John F.; DAVIS, Jack L.; MANTZOURANI, Elene. *Landscape Archaeology as Long-term History: Northern Keos in the Cycladic Islands from Earliest Settlements until Modern Times*. Los Angeles: University of California Press, 1991.
- CHRIMES, Kathleen M. T. *Ancient Sparta: A Reexamination of the Evidence*. Manchester: Manchester University Press, 1949.
- COUCOUZELI, Alexandra. From megaron to *oikos* at Zagora. In: WESTGATE, Ruth; FISHER, Nicolas; WHITLEY, James (Eds.). *Building Communities: House, Settlement and Society in the Aegean and Beyond*. Londres: The British School at Athens, 2007. p. 169-182.
- DAVIS, Jack L. et Al. The Pylos Regional Archaeological Project, Part I: overview and the archaeological survey. In: *Hesperia*, Princeton, v. 66, p. 391-494, 1997.
- DELIVORRIAS, Angelos. The throne of Apollo at the Amyklaion: old proposals, new perspectives. In: CAVANAGH, William G.; GALLOU, Chrysanthi; GEORGIADIS, Mercourios (Eds.) *Sparta and Laconia: From Prehistory to Pre-Modern*. Londres: The British School at Athens, 2009. p. 133-135.
- ERICKSON, Brice L. Public Feasts and Private Symposia in the Archaic and Classical Periods. In: GLOWACKI, Kevin T.; VOGELKOFF-BROGAN, Natalia (Eds.) *ΣΤΕΓΑ: The Archaeology of Houses and Households in Ancient Crete*. Princeton: The American School of Classical Studies at Athens, 2011. p. 381-391.
- FERRUCI, Stefano. Houses in the Household II: From Gortyn to Athens and Back. In: GLOWACKI, Kevin T.; VOGELKOFF-BROGAN, Natalia (Eds.) *ΣΤΕΓΑ: The Archaeology of Houses and Households in Ancient Crete*. Princeton: The American School of Classical Studies at Athens, 2011. p. 401-483.
- FIGUEIRA, Thomas J. Mess Contributions and Subsistence at Sparta. In: *Transactions of the American Philological Association*, Baltimore, v. 114, p. 87-109, 1984.

- FINLEY, Moses I. *Uso e Abuso da História*. Tradução de Marylene P. Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. *Economia e Sociedade na Grécia Antiga*. Tradução de Marylene P. Michael. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FOXHALL, Lin. A View From the Top: Evaluating the Solonian Property Classes. In: RHODES, Peter J.; MITCHELL, Lynette G. (Eds.) *The Development of the Polis in Archaic Greece*. Londres: Routledge, 1997. p. 113-136.
- _____. House Clearance: Unpacking the “Kitchen” in Classical Greece. In: WESTGATE, Ruth; FISHER, Nicolas.; WHITLEY, James (Eds.) *Building Communities: House, Settlement and Society in the Aegean and Beyond*. Londres: The British School at Athens, 2007. p. 233-242.
- FRANCOVICH, Ricardo, PATTERSON, Helen (Eds.) *Extracting Meaning from Ploughsoil Assemblages*. Oxford: Oxbow Books, 2000.
- FRAZER, James G. *Pausania’s Description of Greece*. Volume 2: Commentary on Book 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- FYFFE, Theodore. *Hellenistic Architecture*. Cambridge: Cambridge University Press, 1936.
- GALLANT, Thomas W. *Risk and Survival in Ancient Greece*. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- GLOWACKI, Kevin T.; VOGELKOFF-BROGAN, Natalia (Eds.) *ΣΤΕΓΑ: The Archaeology of Houses and Households in Ancient Crete*. Princeton: The American School of Classical Studies at Athens, 2011.
- HAGGIS, Donald C.; MOOK, Margaret S. The Archaic Houses at Azoria. In: GLOWACKI, Kevin T.; VOGELKOFF-BROGAN, Natalia (Eds.) *ΣΤΕΓΑ: The Archaeology of Houses and Households in Ancient Crete*. Princeton: The American School of Classical Studies at Athens, 2011. p. 367-380.
- HODKINSON, Stephen. Land Tenure and Inheritance in Classical Sparta. In: *The Classical Quarterly*, Cambridge, v. 36, n. 2, p. 378-406, 1986.
- _____. *Property and Wealth in Classical Sparta*. Swansea: Classical Press of Wales, 2000.
- _____. Female Property Ownership and Empowerment in Classical and Hellenistic Sparta. In: FIGUEIRA, Thomas J. (Ed.) *Spartan Society*. Swansea: Classical Press of Wales, 2004. p. 103-136.
- JAMESON, Michael H. Private Space and the Greek City. In: MURRAY, Oswyn; PRICE, Simon (Eds.) *The Greek City From Homer to Alexander*. Oxford: Clarendon Press, 1991. p. 171-195.

- JAMESON, Michael H.; RUNNELS, Curtis N.; VAN ANDEL, Tjeerd H. (Eds.) *A Greek Countryside: the Southern Argolid from Prehistory to the Present Day*. Stanford: Stanford University Press, 1994.
- JOHNSON, William A.; PARKER, Holt N. (Eds.) *Ancient Literacies: The Culture of Reading in Greece*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- JONES, J. E.; SACKETT, L. H.; GRAHAM, A. J. The Dema House in Attica. In: *The Annual of the British School at Athens*, Londres, v. 57, p. 75-114, 1962.
- KENNEL, Nigel M. *The Gymnasium of Virtue: Education and Culture in Ancient Sparta*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1995.
- LLEWELLYN-JONES, Lloyd. House and Veil in Ancient Greece. In: WESTGATE, Ruth; FISHER, Nicolas; WHITLEY, James (Eds.) *Building Communities: House, Settlement and Society in the Aegean and Beyond*. Londres: The British School at Athens, 2007. p. 251-258.
- LOHMANN, Hanns. *Forschungen zu Siedlungs - und Wirtschaftsstruktur des klassischen Attika*. Colônia: Böhlau, 1993.
- LOUKOPOULOU, Louiza D. *Attica: From Prehistory to the Roman Period*. Atenas: National Bank of Greece, 1973.
- MENDONI, Lina G.; MAZARAKIS-AINIAN, Alexandros J. (Eds.) *Kea-Kythnos: History and Archaeology*. Paris: Diffusion de Boccard, 1998.
- MORENO, Alfonso. *Feeding the Democracy: The Athenian Grain Supply in the Fifth and Fourth Centuries BC*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- NEVETT, Lisa. C. *House and Society in the Ancient Greek World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- _____. *Domestic Space in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- NIEHBUR, Barthold. G. *Lectures on Ancient Ethnography and Geography: Volume 1*. Tradução de Leonhard Schmitz. Boston: Little, Brown e Co., 1854.
- OLLIER, François. *Le Mirage Spartiate*. Paris: E. de Boccard, 1933.
- PARIS, Pierre. Fouilles de Délos: maisons du IIe siècle. In: *Bulletin de Correspondance Hellénique*, Atenas, v. 8, p. 473-496, 1884.
- POMEROY, Sara B. *Spartan Women*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- RAFTOPOULOU, Stella. New finds from Sparta. In: CAVANAGH, William G.; WALKER, Susan E. C. *Sparta in Lakonia*. Londres: The British School at Athens, 1998. p. 125-140.
- RAPOPORT, Amos. *House Form and Culture*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1969.

- ROBINSON, David M.; GRAHAM, J. Walter. *Excavations at Olynthus, Part VIII: The Hellenic House*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1938.
- SCHAPS, David M. *Economic Rights of Women in Ancient Greece*. Edinburgo: Edinburgh University Press, 1979.
- SJÖGREN, Lena. *Cretan Locations: Discerning Site Variations in Iron Age and Archaic Crete (800-500 B.C.)*. Oxford: Archaeopress, 2003.
- STRAUSS, Bary S. *Fathers and Sons in Athens: Ideology and Society in the Era of the Peloponnesian War*. Londres: Routledge, 1993.
- THOMAS, Rosalin. Writing, Reading, Public and Private “Literacies”: Functional Literacy and Democratic Literacy in Greece and Rome. In: JOHNSON, William A.; PARKER, Holt N. (Eds.) *Ancient Literacies: The Culture of Reading in Greece*. Oxford: Oxford University Press, 2009. p. 13-45.
- VOGEIKOFF-BROGAN, Natalia. Domestic Assemblage form Trypitos, Siteia: Private and Communal Aspects. In: GLOWACKI, Kevin T.; VOGELKOFF-BROGAN, Natalia (Eds.) *ΣΤΕΓΑ: The Archaeology of Houses and Households in Ancient Crete*. Princeton: The American School of Classical Studies at Athens, 2011. p. 409-419.
- WALKER, Susan. Women and Housing in Classical Greece. In: CAMERON, A.; KUHRT, A. (Eds.) *Images of Women in Antiquity*. Londres: Croom Helm, 1983. p. 81-91.
- WESTGATE, Ruth. House and Society in Classical and Hellenistic Crete: A Case Study in Regional Variation. In: *American Journal of Archaeology*, v. 111, n. 3, p. 423-457, 2007.
- WILLIAMS II, Charles K.; FISHER, Joan. E. Corinth, 1971: Forum Area. In: *Hesperia*, Princeton, v. 41, n. 2, p. 143-184.
- WITHELAW, Todd M. Colonisation and Competition in the Polis of Koressos: the development of settlements in North-West Keos from the Archaic to the Late Roman Periods. In: MENDONI, Lina G.; MAZARAKIS-AINIAN, Alexandros. J. *Kea-Kythnos: History and Archaeology*. Paris: Diffusion de Bocard, 1998. p. 227-257.
- _____. Reconstructing the Classical Landscape with Figures. In: FRANCOVICH, Ricardo, PATTERSON, Helen (Eds.) *Extracting Meaning from Ploughsoil Assemblages*. Oxford: Oxbow Books, 2000. p. 227-243.